

Atividade Assíncrona 02

Título do Trabalho de Pesquisa

Qual o papel social da ciência?

O estudante deverá fazer uma resenha em que destacará os elementos mais importantes do texto, em anexo. Depois disso, o estudante deverá fazer uma análise crítica dos pontos mais importantes que julgar existentes no texto.

A resenha deverá ter de vinte a vinte e cinco linhas.

O trabalho deverá ser digitado com:

- Fonte 12,
- Letra Times New Roman,
- Espaço 1,5,
- Parágrafo 1,
- Margens 2cm (esquerda, direita, superior e inferior);
- Texto justificado,
- Texto em PDF.

O trabalho vale de zero a quinze pontos.

Boa sorte.

Um abraço, Trotta.

O MITO DA
NEUTRALIDADE
CIENTÍFICA

O MITO DA NEUTRALIDADE CIENTÍFICA

Copirraite © 1975 de Hilton Japiassu

Editoração

Coordenação: PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA

Revisão: JOSÉ CARLOS CAMPANHA

Capa: PAULO DE OLIVEIRA

1975

Direitos adquiridos por IMAGO EDITORA LTDA.
Av. N. Sra. de Copacabana, 330 — 10º andar
tel.: 255-2715, Rio de Janeiro.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

IV

A ÉTICA DO CONHECIMENTO OBJETIVO

A ciência, enquanto produto humano, está integrada no processo social e político total. Os cientistas, por uma questão de princípio e de método, recusam-se a ditar *normas* à sociedade, pois aspiram a ser supraculturais. No entanto, intervêm cada vez mais na orientação efetiva da sociedade. Daí o paradoxo: influenciam a moral, mas de modo *não moral*.

verso não foi posto no mundo para nós, mas podemos conquistá-lo pelo conhecimento. Estamos em vias de conquistá-lo”.

É a partir dessas colocações de Monod que iremos questionar os critérios de objetividade científica e, conseqüentemente, a “neutralidade axiológica” dos que pensam fundar seus conhecimentos única e exclusivamente nas demarches internas ao próprio processo de cientificidade. Em outras palavras, tentaremos mostrar que a ciência não está tão isenta das contaminações valorativas ou éticas como pensam os partidários da “neutralidade” científica: a ciência se ocupa apenas dos fatos, por isso é “neutra”, podendo ser *usada* para o bem ou para o mal. Há, aqui, uma dicotomia estrita entre o mundo dos fatos e o “mundo dos valores”, entre a “esfera” do conhecimento e a “esfera” da avaliação. O cientista não é responsável pelo uso que se faz de seus produtos intelectuais, porque: a) só se ocupa com os fenômenos observáveis; b) visa a conhecê-los e explicá-los utilizando um método rigoroso; c) só abandona a neutralidade ética quando estuda os objetos psicossociológicos.

1

Começemos por apresentar sucintamente a situação atual da ciência e da pesquisa científica. Não é novidade para ninguém que a ciência se apresenta ou é apresentada, em nossos dias, como um saber ao mesmo tempo onipotente e onipresente. Ela é venerada como uma espécie de divindade. Tão grande é o fascínio que exerce sobre todos e cada um de nós, que seu caráter por vezes mágico impõe não só respeito e acatamento, mas temor e medo. O grande público a considera como esse conjunto extraordinário de conhecimentos “puros” e “aplicados”, produzidos coletivamente através de métodos comprovados, objetivos, rigorosos e universais, opostos aos da filosofia, da arte e da política. Em suas “verdades” todo mundo acredita sem discussão. Apesar de sua “imagem de marca”, segundo a qual a ciência não seria um sistema dogmático e fechado, mas controvertido e aberto, porque falível

e capaz de progredir sempre, não se pode negar que suas "verdades" se apresentam com a solidez dos dogmas.

Na prática, a "imagem" da ciência aparece como o fundamento da tecnologia. O conceito de tecnocracia não poderia significar o "poder" (cracia) de certos homens (os tecnocratas), se não significasse, antes, o poder da técnica, quer dizer, da ciência realizada. É por isso que, apesar de todas as motivações subjetivas dos cientistas, a *significação real* da ciência deve ser buscada, não mais no saber enquanto tal, "puro" e "desinteressado", mas no *poder* que o saber científico confere. Esse poder é exercido por um triunvirato, formando essa espécie de "Santa Aliança" dos tempos modernos: ciência-técnica-indústria. Não se trata mais de um saber aristocrático, de uma contemplação amorosa e gratuita da verdade, mas de uma ciência tecnicizada, governando esse gigantesco processo de produção racionalizado e industrializado. Tudo nos leva a crer que, estando preso às mil solicitações do ter, e estando submetido às astúcias de um controle social sempre mais insidioso, o homem moderno está em vias de instalar-se no "conforto" que lhe proporciona uma *tecnonatura* cada dia mais aperfeiçoada. A memória do computador, por exemplo, fornece-lhe todos os dados concernentes à sua identidade, à sua saúde física e mental ou, até mesmo, a seu passado judiciário.

Estaria a ciência convertendo-se numa terrível promessa de uma sociedade-labirinto, ocupando cada vez mais as dimensões do planeta, onde o passo do homem se torna cada vez mais oscilante? Que esperanças pode ela ainda alimentar? Suas promessas de felicidade não teriam fracassado? Tanto o sonho ingênuo do Iluminismo, quanto a mitologia cientificista que lhe deu prosseguimento, no século XIX, que faziam do progresso indefinido da ciência o incansável motor de nossa felicidade, parece que nos abandonaram. Não se trata de negar que, pela ciência e por seus produtos técnicos, o mundo tenha mudado. E por vezes, substancialmente. Contudo, a ciência, embriagada com seus próprios êxitos, aliás inegáveis, já começa a inquietar muita gente, sobretudo os próprios cientistas. O problema da *responsabilidade social* dos cientistas e dos técnicos torna-se, hoje, uma das questões cruciais de nossa

cultura. A ciência e a técnica, antes tranqüilas em seu desenvolvimento, em seus processos de conhecimento, de dominação da natureza, de previsão de novos acontecimentos, etc., constituem, hoje, problema. Até o fim do século passado, nem mesmo os intelectuais mais extremados ousavam contestar ou criticar a ciência, embora criticassem todas as demais instituições sociais. Nem mesmo os niilistas, que fizeram todo um trabalho de demolição dos valores morais, religiosos e filosóficos, tiveram a coragem de colocar em dúvida o valor da ciência. Pelo contrário, achavam que todos os males da humanidade tinham sua raiz profunda na *ignorância*, e que eles seriam estirpados pela ciência: esta, no futuro, seria capaz de resolver todos os problemas e males humanos.

Ora, em nossos dias, esse otimismo parece não ter mais razão de ser. Muitos cientistas, de forma alguma revoltados nem tampouco niilistas, começam a suspeitar que a própria ciência, pelo menos em suas condições reais de elaboração e de uso, pode ser um mal, e que se torna urgente remediá-lo, antes que seja tarde. Evidentemente, o espírito do Iluminismo do século XVIII ainda é bastante forte e continua vivo na mentalidade de muitos homens de ciência. Uma das correntes mais significativas, que aperfeiçoou esse "espírito", tem por fundamento ideológico a fé quase cega na ciência e em seus resultados tecnológicos: domínio da natureza, riqueza material, organização eficaz da vida social, etc. Mas isso não impede o surgimento de suspeitas cada vez maiores quanto ao número também crescente de conseqüências desastrosas do desenvolvimento científico-técnico: degradação das relações individuais, utilização das pesquisas científicas para fins destrutivos, possibilidade crescente de manipulação dos indivíduos, utilização maciça dos cientistas, de seus métodos e de seus resultados para fins repressivos, obsessão patológica pelo consumo, esgotamento progressivo dos recursos naturais, poluição, etc.

Diante dessa nova situação, certos cientistas começam a "acordar". Por exemplo, diante de um acontecimento de significação em escala planetária, cuja causa pode ser atribuída à "alienação" dos cientistas, estes podem tomar dois tipos de atitude: a) ou aceitam essa alienação como algo natural, e

continuam a estabelecer uma dicotomia entre a responsabilidade de criação e a da utilização de seu saber; b) ou tentam reagir contra essa alienação, isto é, contra seu estado de "inocentes" produtores de informação, inteiramente despreocupados com os objetivos fundamentais de suas pesquisas. Nessa segunda hipótese, eles modificam sua concepção sobre a natureza de sua tarefa, abandonam a idéia de que a ciência seria *positiva* e *neutra*, e passam a adotar, em relação a ela, uma atitude mais *crítica* e responsável. Essa atitude diz também respeito ao emprego dos métodos científicos e ao uso que é feito de seus produtos tecnológicos. Numa palavra, esses cientistas passam a preocupar-se com a utilização de suas descobertas para fins não-humanos e meramente extracientíficos.

Aqueles, porém, que adotam a primeira atitude, continuam presos à estreita divisão do trabalho e tentam inocentar-se, argumentando que a objetividade científica nada tem a ver com os engajamentos pessoais. Para eles, a utilidade da ciência é uma simples consequência de sua objetividade. Se a sociedade financia a ciência, é porque sabe que seus conhecimentos produzem bons rendimentos, quando aplicados. Contudo, o problema da aplicação escapa ao domínio da ciência. Ele pertence aos técnicos. São estes que empregam o conhecimento científico para fins práticos; e compete aos políticos a responsabilidade da utilização da ciência e da tecnologia para benefício da humanidade; o que os cientistas podem fazer, é aconselhar os políticos quanto ao modo de fazerem uso racional, eficaz e bom da ciência.

Como podemos notar, os cientistas que se julgam "irresponsáveis" pelo uso da ciência, escondem-se por detrás da seguinte idéia: se as pesquisas que empreendem não fossem eticamente neutras e livres de toda e qualquer referência aos sistemas valorativos, elas perderiam seu caráter de saber objetivo e se tornariam simples conhecimentos de ordem ideológica. Ademais, muitos cientistas proclamam que não podem ter má consciência pelas "desgraças" engendradas por seu saber. A situação, declaram, é muito clara: a Ciência, enquanto tal, é a procura metódica e desinteressada de um saber sempre mais vasto e mais certo. O físico ou o biólogo, por exemplo, não devem preocupar-se com as utilizações que poderiam